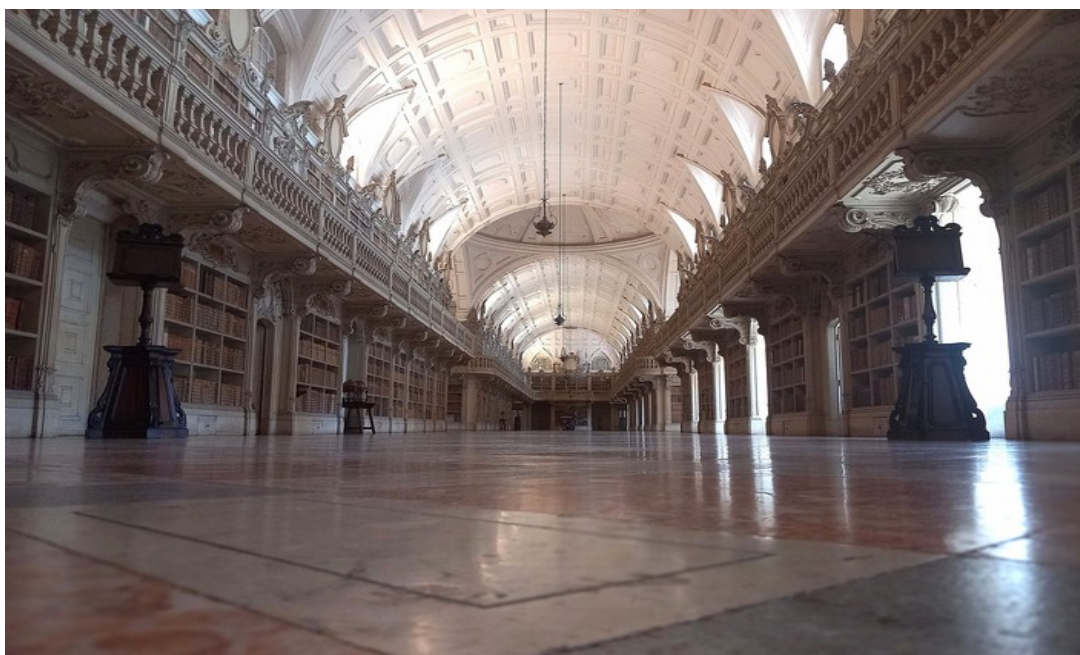
Octógono
Cadernos de polissemia artística
Número 9
Novembro de 2024
ISSN: 2976–0402
Autoria e edição: Paulo Martins Oliveira
https://octogono-cpa.blogspot.com/

A Real Livraria de Mafra – a Máquina do Verbo

Paulo Martins Oliveira

Introdução

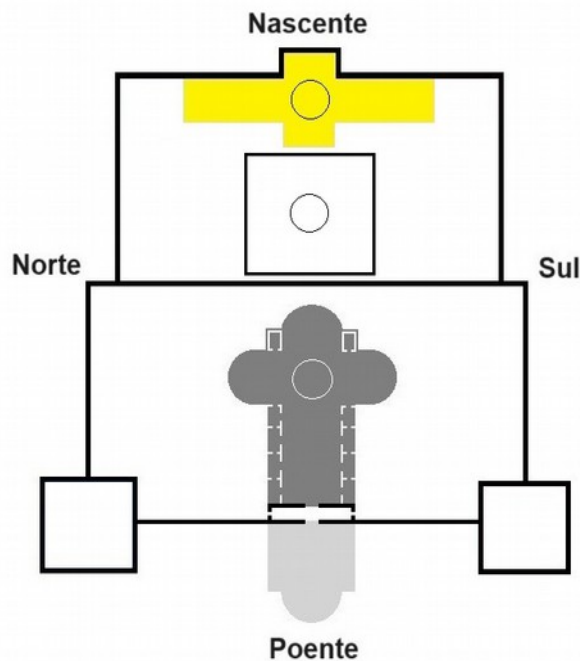
O Barroco Português tem um dos seus emblemas mais originais na Livraria do Real Edifício de Mafra, onde faz parte quer das instalações conventuais franciscanas, quer do complexo palaciano que envolve e encouraça o grande Edifício.

A referida Livraria, ou Biblioteca em termos actualizados, é muito mais que um simples repositório de obras escritas, constituindo na verdade uma peça essencial do mecanismo que visa sacralizar o poder régio e garantir-lhe a contínua regeneração.

Perspectiva geral da Biblioteca (foto: PMO)

A encarnação da luz

Localizada no extremo Nascente do complexo, a Biblioteca tem uma peculiar forma cruciforme, a qual desde logo alegoriza o despontar do Sol no horizonte, conforme referido em estudo anterior[1].

Celebra-se a materialização do Verbo, i.e. da genuína Verdade e Sabedoria encarnada no mundo pela Natividade de Cristo (Jo.1:1-14), sendo portanto natural que uma biblioteca régia-conventual simbolize o conceito de Sofia ou omnisciência divina.

A luz que se metamorfoseia e materializa tem a sua melhor expressão a meio da galeria ou nave, no respectivo cruzeiro, coberto por uma cúpula radiante-solar com uma face humana ao centro[2].

Planta simplificada do Real Edifício de Mafra
Aspecto do cruzeiro da Biblioteca (foto: Google Photo Sphere)

A dita cúpula equivale à do cruzeiro da Basílica, onde ao alto se encontra figurada a pomba do Espírito Santo. Este templo Poente que celebra o Corpo de Cristo é a contraparte natural do "templo" da encarnação do Verbo, a Nascente, não chocando ver na planta polissémica da Biblioteca a sugestão geometrizada de uma pomba luminosa.

1 Cf. *Octógono* n.8 / Outubro de 2024 – "O Escadório do Real Edifício de Mafra", p.2.
2 Um percurso virtual até meio da Biblioteca encontra-se acessível em Google Maps no modo combinado – vista em Satélite/Street View (Google Photo Sphere).

Considerando a associação entre o Magnânimo rei-fundador e o homónimo Baptista[3], talvez se represente aqui uma homenagem joanina: Jesus Cristo (Basílica) sendo baptizado (tanque circular ao centro do Claustro), tendo ao topo a pomba do Espírito Santo (Biblioteca), conforme figurado em tantos quadros.

Andrea Verrocchio e Leonardo, *O Baptismo de Cristo* (det.)
(foto: Wikimedia Commons)

Note-se ainda que, sob as cúpulas da Basílica e da Biblioteca, os respectivos pisos empedrados apresentam padrões radiantes-oitavados, os quais embora não sejam idênticos realçam todavia a simbiose entre os ditos espaços.

Neste âmbito, a própria face ao centro da cúpula-solar da Biblioteca, em plena metamorfose da luz em matéria, estabelece o diálogo teológico com a Basílica "corporal", i.e. o Jesus crucificado.

De facto, o Sol emergindo no horizonte simboliza com naturalidade um novo nascimento, mas também a Ressurreição (novo nascimento ≈ nascer de novo, Jo.16:20-22), seja na forma humana, seja na corporização ou encarnação na hóstia consagrada, i.e. a Transubstanciação eucarística do espírito de Deus em matéria.

3 Veja-se o já mencionado número anterior desta publicação, dedicado ao Escadório, pp.5-7.

Condensando estes princípios em imagens, diversos artistas desenvolveram modelos que fundiam episódios do Novo Testamento e das hagiografias, em especial a Natividade, a Ressurreição, o Pentecostes e o Milagre de S. Gregório, resumindo assim a lógica do Cristianismo. O denominador comum residia na conexão entre o esperançoso Jesus-bebé e o Cristo que, depois de morrer, ressuscitar e ascender ao Pai, quando invocado ressurge nas Missas corporizando-se nas hóstias consagradas, inspirando e mantendo a Humanidade no caminho da Verdade através da genuína Sabedoria.

A tradicional imagem do sábio/inspirado Sto. António segurando o Menino sobre um livro é uma dessas composições versáteis, tal como o *Milagre de S. Gregório* que Francisco Henriques pintara para o *Retábulo de S. Francisco de Évora* (hoje no MNAA), onde um Messias adulto-miniaturizado (≈ bebé) se levanta do ataúde (≈ berço), reflectindo-se misticamente na hóstia do celebrante.

Pela Natividade, Ressurreição e Transubstanciação eucarística, Cristo é associável justamente a um nascer do Sol, o que fora por seu turno simbolizado de maneiras diversas. Por exemplo, Rogier van der Weyden (assistido pelo filho Pieter e por Nuno Gonçalves)[4] concebeu um retábulo onde o Jesus-bebé é um Sol emergente que funde a primaveril Estrela da Natividade, o eterno Empíreo, o inspirador Espírito Santo e a recorrente Transubstanciação eucarística, interligando pois referências determinantes na missão Cristã de iluminar e conduzir a Humanidade à Salvação.

Rogier van der Weyden, Pieter van der Weyden e Nuno Gonçalves, *Retábulo de Middelburg* (det.) (foto: Wikimedia Commons/Google Art Project)

4 Cf. *The forgotten disciple of Rogier van der Weyden*, 2015. (*online*). V. igualmente *Octógono* n.6 / Agosto de 2024 – “As estátuas vicentina e fernandina de Nicolau Chanterene”, pp.9-10.

A forma circular do Sol tem natural correspondência na hóstia consagrada, fixa numa luneta (vitória da luz sobre a noite), mas também nos contornos arredondados de uma típica face infantil, aludindo à inocência do Cordeiro-Jesus destinado, quando adulto, ao suplício e morte na cruz. Isto leva a figurações solares antropomórficas ambíguas, entre o infantil e o adulto, sintetizando a Natividade, a Ressurreição e a Transubstanciação[5].

Exemplo disso encontra-se no Sol de duas idades esculpido no Claustro dos Jerónimos (Santa Maria de Belém)[6], numa solução depois também explorada na cúpula da grande Biblioteca de Mafra.

Medalhão solar, Claustro dos Jerónimos (foto: PMO)
Biblioteca de Mafra, face solar "em trânsito" (foto: Google Photo Sphere)

Gregos, Romanos e Portugueses

No grande Edifício mafrense a face solar olha para baixo e "percorre" a direcção Nascente-Poente. A partir deste centro, as alas Sul e Norte da galeria abrem-se como dois braços ou asas.

O lado sinistro (Sul) é dedicado às ciências terrenas, ao passo que o dextro (Norte) ficou reservado às matérias sagradas. Nestes braços maiores existem sobre as estantes medalhões que ficaram vazios, mas que era suposto conterem figurações dos grandes autores da Antiguidade Clássica, cujas obras, por sua vez, se encontram nos braços menores do cruzeiro/transepto (a Nascente e Poente)[7].

5 Sobre a questão cf. *Octógono* n.6 / Agosto de 2024 – "As estátuas vicentina e fernandina de Nicolau Chanterene", p.10.

6 Apesar dos relevos goticizantes serem mais densos, os medalhões esculpidos no Claustro apresentam uma importante carga semântica, de que o caso apresentado é um bom exemplo. Sobre o tema cf. *Octógono* n.2 / Abril de 2024 – "O Dinâmico Claustro dos Jerónimos", e *Octógono* n.4 / Junho de 2024 – "A Lamentação Feliz de Santa Maria de Belém".

7 Cf. Teresa Amaral, "A Livraria de Mafra" in *Monumentos*, n.35, DGPC, Lisboa, 2017, pp.127-128.

Esta combinação entre os modernos autores cristãos e os greco-latinos da Antiguidade insere-se na tradição neoplatónica, aliás com raízes em Sto. Agostinho, que lançou pontes e sincretismos entre a teologia judaico-cristã e as resistências pagãs de Atenas e Roma.

Reflexo disso, o tecto da Capela Sistina apresentará representações das sibilias pagãs como profetizas de Jesus, enquanto nos aposentos papais Rafael pintava pela mesma altura quer a *Escola de Atenas*, homenageando os filósofos pagãos gregos, quer a aparição ofuscante de Cristo a S. Paulo, sendo que tais episódios cooperavam na mesma lógica de uma Sabedoria universal que ao longo da História se harmonizava e convergia na Revelação Cristã.

O Classicismo ou Antiguidade greco-romana perdurava como um sinónimo de cultura e erudição, o que se verifica nos próprios vocábulos de "Biblioteca", derivando do grego *biblos* (livro), e de "Livraria", do latim *liber*, também referente a livro e de onde resulta ainda o termo "liberdade" (o conhecimento como essencial para uma efectiva emancipação).

Isto implica com o peculiar desenho cruciforme da galeria, não se tratando nem de uma efectiva cruz latina (†) nem grega (+), antes uma solução de compromisso entre as duas (−+−).

Esta associação Oeste/Leste expressa a universalidade lusa, i.e. Portugal como o centro do mundo, por onde passava o meridiano que separava os hemisférios ocidental e oriental. Era a ideia de nó, já tão cara em tempos manuelinos e que D. João V aprofundaria, conseguindo mesmo a divisão formal de Lisboa em duas sub-cidades em espelho[8].

Mas Portugal era também a síntese e a versão actualizada, por um lado, dos aventureiros navegantes Gregos, e por outro dos imperiais e civilizadores Romanos, sendo que os lusos ultrapassavam os primeiros por serem heróis verdadeiros e não mitológicos, e os segundos por construirem um Império para lá de distantes e terríveis oceanos, e não apenas em torno de um mar interior.

Esta ideia encontra-se bem presente nos *Lusíadas,* onde são múltiplas as referências ao modo como os Portugueses representam uma versão evoluída de Gregos e Romanos (e.g. Canto V), sendo que a própria imagem de Camões, cego de um olho e coroado de louros, revela-se uma súmula que funde e ultrapassa Homero e Virgílio (e.g. I:3, V:98). Assim também o grande Edifício de Mafra cita vários monumentos mas supera-os; o mesmo faz Lisboa; e assim também D. João V, em cujos retratos são geralmente invocadas as figuras do guerreiro D. Afonso Henriques e do áureo D. Manuel.

Esperava-se que Portugal viesse a reunificar a Cristandade, o que era historicamente simbolizado pela desejada reconciliação entre ortodoxos gregos e católicos latinos, sendo este um desígnio antigo,

---

8 No complexo de Mafra será de notar a existência de uma Sala da Meridiana, onde se estudava a complexa questão da longitude. Cf. *Real Edifício de Mafra – Proposta para a inscrição na Lista de Património Mundial da UNESCO*, p.222. (*online*, cons. Nov.2024)

por exemplo determinante para entender o programa iconográfico da Capela Médici, no respectivo palácio[9]. Este papel, reivindicado pela família florentina em meados do século XV, seria depressa recuperado e levado a outro nível com D. João II e D. Manuel, que para além da Índia desejaram Jerusalém – um domínio que traria a reconciliação de gregos e latinos cristãos.

Neste âmbito será interessante notar a transformação da Cruz da Ordem de Cristo, que da configuração grega original (herdeira da Cruz Templária) irá no século XVI evoluir para uma versão híbrida, com o braço inferior em subtil prolongamento para insinuar uma cruz latina, como se observa no possível retrato de Vasco da Gama (MNAA), ou na Cruz de Ouro oferecida por Filipe II/I ao Convento de Cristo (actualmente no Tesouro da Sé de Lisboa).

Possível retrato de Vasco da Gama (foto: Wikimedia Commons/Sailko)

Já não se trata nem de uma cruz grega nem verdadeiramente latina, mas de uma forma ambígua que ambas sintetiza, cujo processo dinâmico e de transição levara Garcia Fernandes, na sua famosa pintura matrimonial (Museu de S. Roque), a evitar comprometer-se com uma opção, preferindo omitir com uma mão a parte inferior do emblema[10].

Em Mafra irão encontrar-se ressonâncias desta lógica, desde logo na própria pedra fundacional da Basílica, colocada na presença do monarca em 1717. Relativamente a essa pedra, "era ela de fino jaspe branco, com dois palmos e meio em quadratura, uma grande cruz esculpida no meio e quatro cruzes nos cantos"[11].

---

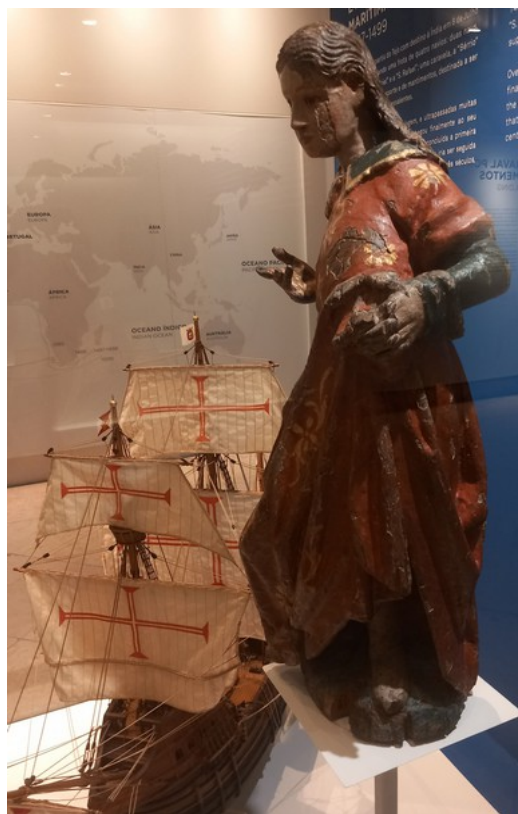
9 Franco CARDINI, *The Chapel of the Magi in Palazzo Medici*, ed. Mandragora, Florença, 2001, pp.31-33. Sobre os Medici, considere-se ainda a importância da Biblioteca Medicea Laurenziana, em Florença.

10 Trata-se de um quadro que, em simultâneo, alude oficialmente ao casamento de Santo Aleixo, e oficiosamente ao terceiro casamento de D. Manuel – cf. *Garcia Fernandes e o Casamento de Santo Aleixo*, 2015. (*online*)

11 Descrição em Rodrigo Sobral CUNHA, Tiago Sobral CUNHA, *et al.*, *O Real Edifício de Mafra*, CMM, 2024, p.157.

A descrição corresponde à Cruz de Jerusalém, de feição grega, marcando paradoxalmente o lançamento da grande Basílica, de planta cruciforme latina. Será pois nesta perspectiva totalizante e multiforme que se pode interpretar o característico traçado greco-latino da Biblioteca, embora essa cruz não seja todavia verdadeiramente singular.

De facto, a forma + encontra-se nas velas das naus que fizeram a primeira Idade do Ouro, sendo de ponderar alguma eventual influência sobre a Biblioteca mafrense, mesmo porque, agora no século XVIII, o Real Edifício era levantado no sítio "chamado da Vela em um lugar iminente à Vila, em pouca distância para a parte do Nascente"[12].

Neste contexto é de atender à relação determinante do Edifício com o Oceano fronteiro[13], ficando portanto a hipótese de, numa lógica proselitista, as naves marítimas do Venturoso já terem ostentado a metamorfose cristológica-solar-nascente e greco-romano-lusa que depois enformará a Biblioteca de Mafra, cuja espacialidade de certo modo também lembra a de um navio.

Figuração escultórica de S. Rafael e modelo de nau da expedição capitaneada por Vasco da Gama, Museu de Marinha (foto: PMO)

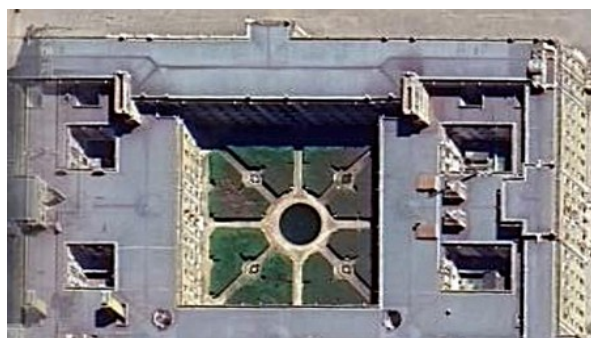
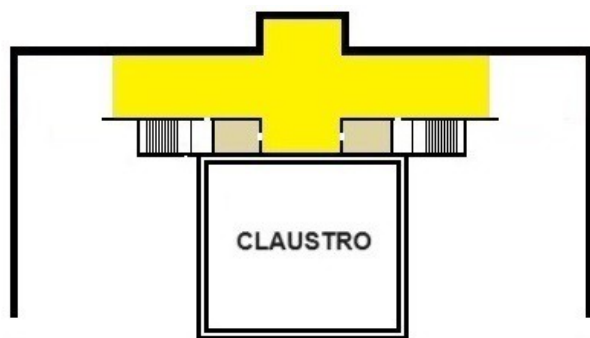
12 Notícia de Frei Cláudio da Conceição", transcrita em Rodrigo Sobral Cunha, Tiago Sobral Cunha, *et al.*, *op.cit.*, p.63.

13 Sobre esta questão, cf. Rafael Moreira, "Mafra, a 'alameda' e o canal da Ericeira" in *Monumentos*, n.35, DGPC, Lisboa, 2017, pp.30-35.

Integração arquitectónica

Destacando-se pelo engenho simbólico, a grande Biblioteca de Mafra evidencia-se também pela originalidade formal e construtiva, nomeadamente pelo modo como se articulou com outros espaços.

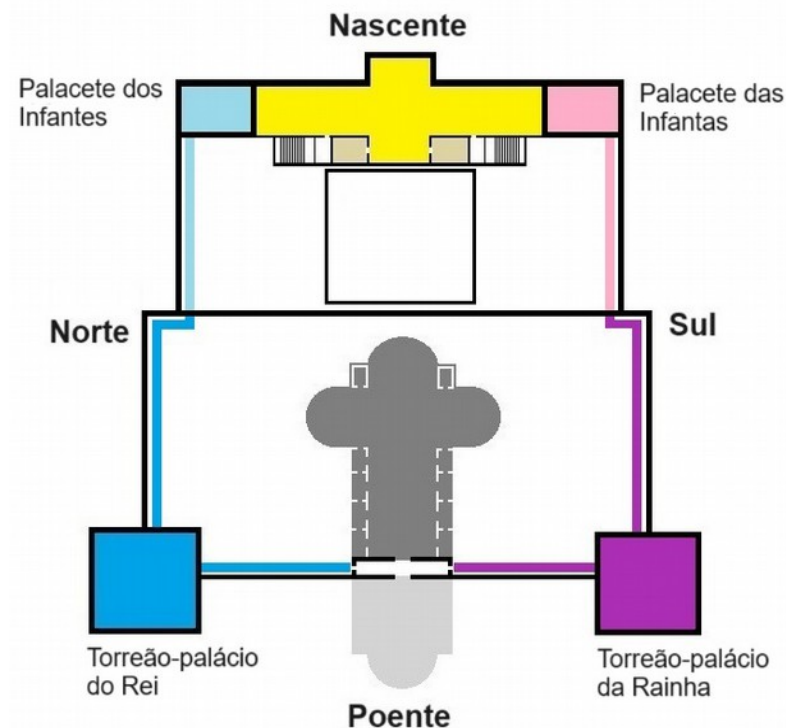
É de notar a propósito que apenas no respectivo interior é perceptível o desenho cruciforme da galeria, pois no exterior a planta foi obrigada a adaptar-se ao Claustro adjacente, cuja geometria quadrangular tinha necessariamente de ser respeitada, não apenas no jardim, mas também no edificado envolvente (os claustros ajardinados e rodeados de instalações conventuais sintetizam o Alfa e o Ómega, i.e. o Éden original e a culminante Jerusalém Celeste, de planta quadrada, Ap.21:16).

Este artificio dúplice foi conseguido através de um hábil projecto, pelo qual o limite do pequeno braço Poente é complementado por uma parede que, evoluindo simetricamente para Norte e Sul, garante que o Claustro seja rectilíneo, permitindo ainda adicionar à própria Biblioteca duas salas de leitura e áreas técnicas, incluindo escadarias de ligação entre pisos.

Planta simplificada e vista aérea da zona Nascente do Real Edifício (foto: Google Earth)

Para quem se encontre na grande galeria cruciforme, a existência destes espaços complementares é denunciada unicamente por discretas portas no lado Poente, por regra à esquerda para o observador, uma vez que actualmente o acesso é realizado pelo Sul. É como se a luz do Verbo que entra pelo Nascente se materializasse no lado oposto.

Perspectiva geral a partir do Sul (foto: PMO)

O espelho de príncipes

Situada no piso nobre do Real Edifício, a Biblioteca confinava a Sul com o chamado Palacete das Infantas, e a Norte com o dos Infantes.

Por sua vez, e como também é conhecido, estes Palacetes correspondiam, respectivamente em cada ala, aos Torreões-palácio na grande fachada do Poente, adstritos à rainha a Sul e ao monarca soberano a Norte (este último no lado dextro do próprio complexo). As ligações eram efectuadas por grandes corredores ao longo do perímetro do vasto Real Edifício.

Deste modo, o complexo de Mafra também funciona como uma espécie de “ninho”, onde o lado maior dos pais vela pelo menor da prole, reforçando deste modo a associação da Biblioteca ao conceito de Sol nascente e de Natividade primaveril, onde os jovens se tornam em homens e mulheres (dinâmica presente na ambígua face infantil-adulta na cúpula).

A grande Biblioteca assume aqui um papel literalmente central na educação dos membros mais jovens da Dinastia, representando o icónico espaço um tradicional “espelho de príncipes”, ou seja uma referência exemplar para a formação intelectual e moral dos futuros governantes, que por sua vez deveriam ser modelos para as variadas elites e população em geral.

Recuperando a designação original de “Livraria”, e considerando que *liber* significa livro mas também se liga a “liberdade”, então o Saber emerge enquanto factor de bom crescimento e emancipação das jovens gerações, permitindo-lhes que venham a cumprir devidamente os seus papéis.

Conforme referido, na ampla galeria os livros eram temática e simbolicamente divididos em duas grandes áreas: as ciências terrenas no meridional (e feminino) braço sinistro, e as matérias religiosas no lado setentrional (e masculino).

Topo Sul contendo livros de Jurisprudência, i.e. de questões terrenas (foto: PMO)

Essa divisão configura os papéis conceptuais atribuídos aos géneros masculino e feminino, como Zurbarán alegorizara numa natureza-morta ou *bodegón*[14]. Na metade dextra o jarro-rei é associado ao cálice e patena da Eucaristia, ao passo que na metade sinistra o jarro-rainha tem nesse extremo uma vasilha que sugere o parto das futuras gerações da família reinante (matéria terrena).

Francisco de Zurbarán, *Bodegón* (foto: Wikimedia Commons/Google Art Project)

14 Cf. *Octógono* – n. avulso (1) 11 de Agosto de 2024 – "Baltazar Gomes Figueira e Josefa de Óbidos: metamorfoses e engenhos artísticos", pp.1-2.

Na essência é a mesma lógica que se encontrará em Mafra, aqui se projectando da Biblioteca e do rectângulo menor da prole para o lado maior (adulto e Poente) do Rei e da Rainha. Um dia caberá ao herdeiro-varão e sua consorte, enquanto novos monarcas, surgirem como bons e luminosos modelos encarnados na grande fachada, nomeadamente na Varanda das Bênçãos (simetricamente contraposta à Biblioteca, sobretudo ao respectivo braço Nascente, por onde entrara a educadora luz do Verbo).

A descendência desse casal então se alojará nos Palacetes adjacentes à Biblioteca, simbolizando a contínua e bem-educada regeneração dinástica, onde os géneros masculino e feminino aprenderão as funções que lhes são destinados, emancipando-se[15].

Empíreo / Império

Em Portugal, e considerando o modo algo incerto e atípico como o avô D. João IV e o pai Pedro II chegaram ao trono, D. João V (≈ sábio e construtor Salomão) fez erguer em Mafra o símbolo de uma sub-dinastia por si fundada, e pela a qual o país entrava, *liber*tado e consolidado, numa nova e gloriosa fase da sua História, onde o Brasil era a nova Índia, em muito lembrando os modelos alegóricos de D. Manuel.

Expressando a simbiose dos espaços no grande Edifício, na zona da Rainha foi instalada em piso inferior a Sala do Capítulo, destinada a conferenciar e deliberar sobre as questões organizativas e quotidianas do convento franciscano. Equivale pois aos livros jurídicos (≈ gestão doméstica) na parte “feminina” da Biblioteca, i.e. a vertente terrena e mutável[16].

Por sua vez, na ala do Rei o mecanismo é mais desenvolto, visando confirmar a natureza sacerdotal e até messiânica do monarca luso. Afinal, a temática religiosa constituía o melhor cimento da sociedade, conforme defendido na *Utopia* de Thomas More ou na *Cidade do Sol* de Tomás Campanella[17], sendo que ainda bem antes, na Antiguidade Clássica, fora particularmente discutida e sublinhada a importância de um soberano-filósofo, o que reforça o significado dos livros greco-romanos no cruzeiro da Biblioteca de Mafra, junto da cúpula solar antropomórfica.

Por toda esta zona Nascente do Real Edifício, nos respectivos pisos inferiores funcionava o Convento de Franciscanos, tratando-se de uma Ordem tradicionalmente “gibelina”, contribuindo assim para a afirmação regalista de D. João V ao longo da primeira metade do século XVIII.

---

15 Esta lógica lembra os votos quanto à perpetuação dos Médici, por exemplo no retrato póstumo do fundacional Cósimo (por Jácomo Pontorno), onde se alude à contínua regeneração da família. Cf. a respectiva ficha (1890n.3574 *in* uffizi.it, cons. Nov.2024).

16 Sobre o modo como eram entendidas as naturezas masculina e feminina, veja-se *Octógono* n.7 / Setembro de 2024 – “Charpentier e o retrato melódico do Rei-Total”.

17 Thomas More, *Utopia*, ed. Europa-América, Sintra, [1995], pp.124-141 (correspondente ao capítulo final da obra); Tomás Campanella, *A Cidade do Sol*, Guimarães Editores, Lisboa, 1980, pp.17-22.

Tal como na ala Sul, também na setentrional e masculina ala Norte os Franciscanos colaboravam com a família real. Assim, junto ao Torreão-palácio do monarca, em piso inferior localizava-se a enfermaria conventual destinada aos doentes graves, cabendo ao soberano tutelar a boa-morte dos súbditos/fiéis, existindo ao lado a fúnebre Capela do Campo Santo e uma ligação à basilical Capela do Santíssimo Sacramento.

Para mais, os que recuperassem eram transferidos para a enfermaria dos convalescentes, que se localizava acima, no próprio piso nobre e atrás da Sala do Trono e da Casa da Mesa do Estado. Expressa-se aqui a dimensão cristológica do monarca, capaz não só de zelar pela alma dos finados, mas também de resgatar moribundos às garras da morte (≈ ressureição, salvação).

Não por acaso, seguindo por esta ala para Nascente chega-se ao Palacete dos Infantes e à contígua zona setentrional da Biblioteca, onde se localizam as obras sacras e teológicas, demonstrando o cuidadoso desenho de todo o empreendimento.

Muito mais que um conjunto de espaços, o Real Edifício constitui um verdadeiro mecanismo que a partir da Biblioteca faz materializar o Verbo nas cerimónias eucarísticas na Basílica, culminando na personificação contemporânea do novo Melquisedeque, i.e. do monarca sacerdotal, poderoso, pio e educado, surgindo como que levitando na Varanda das Bênçãos, perante o Povo metropolitano e o Oceano colonial. Era o conceito de um país dúplice, feito de solo e de água – uma “ocidental praia” que tem na Torre de Belém uma das suas melhores sínteses[18].

Fachada e Varanda das Bênçãos, no limite Poente (foto: PMO)

18 Cf. *A configuração da Torre de Belém*, 2014. (online)

No monumental Edifício de Mafra, pelo Nascente/Sul celebra-se cada nova geração dos adventícios Braganças (≈ Cristo natalício e reemergente), enquanto pelo Nascente/Norte evoca-se a eterna omnipresença do Pai, entenda-se aqui, da Coroa Portuguesa originária em D. Afonso Henriques, simbolizada no Empíreo, i.e. o esquema celestial onde tudo gira em torno da fixa e perene Estrela Polar.

Se as verdades mundanas podem ser transitórias e actualizáveis (como as ciências e leis dos Homens), já as teológicas são eternas, localizando-se por isso no lado setentrional da Biblioteca, tal como os aposentos do Rei, o qual, apesar das várias identidades que vai assumindo ao longo dos séculos, em última análise é sempre o mesmo – a personificação de Portugal e seu Escudo.

A mesma lógica observa-se igualmente na Basílica, onde o altar-mor é ladeado à sinistra meridional por uma capela com estátuas dos familiares terrenos de Jesus, e à dextra setentrional por outra com representações de anjos do Empíreo[19]. Alude-se dicotomia entre a Cidade dos Homens e a Cidade de Deus, sendo Cristo ao centro o mediador ou ponte entre as duas dimensões (algo semelhante por exemplo à Janela de Tomar e respectiva parede esculpida, novamente do tempo áureo de D. Manuel)[20].

Poder e Saber

Pelo seu engenho, e na tradição dos séculos XVII-XVIII, o Real Edifício de Mafra é celebrativo da Razão inspirada – como que uma evolução natural do Humanismo neoplatónico dos séculos XV e XVI, de base Agostiniana. Conforme referido, a Biblioteca divide e hierarquiza o conhecimento, mas também faz reconhecer como são indispensáveis e complementares ambos os braços, secular e sacro. Em última análise convergem na versão lusa do Verbo encarnado, i.e. no monarca totalizante e absoluto[21], mas esclarecido e generoso, pois é não apenas o repositório de sabedoria, mas também modelo, mecenas e difusor de conhecimento.

A Biblioteca Joanina na Universidade de Coimbra é disso exemplo, tal como um centro de estudos aberto à sociedade que o Magnânimo projectou para o Edifício mafrense, e do qual a Biblioteca era um elemento basilar, mesmo que então ainda instalada em salas provisórias[22]. Considerando a hipótese, já proposta na historiografia, de D. João V querer ficar sepultado em Mafra[23], talvez o monarca se tivesse inspirado em Santa Cruz de Coimbra para um panteão que fosse também uma referência educativa.

---

19 O mesmo se verifica quando observado por inteiro o Baptismo pintado por Andrea Verrocchio e Leonardo.

20 Sobre a lógica de Tomar cf. Paulo Pereira, *De Aurea Aetate*, IPPAR, Lisboa, 2003, pp.59-60.

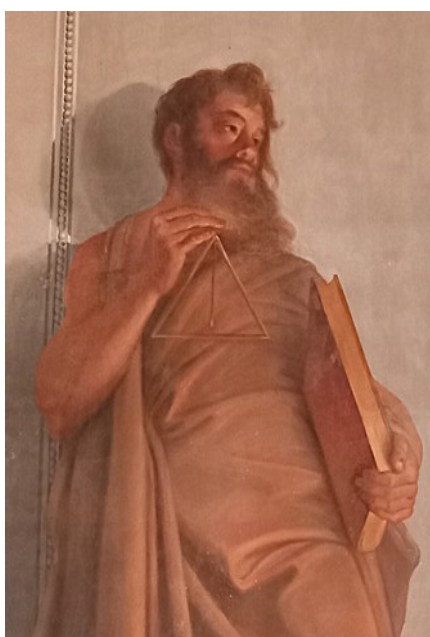
21 Não obstante a divisão de papéis entre Rei e Rainha, o monarca acaba por reunir em si as funções e até a imagem de ambos os géneros, i.e. a necessária síntese de toda a população. Sobre o assunto, cf. o já referido *Octógono* n.7 / Setembro de 2024 – "Charpentier e o retrato melódico do Rei-Total".

22 Cf. *Real Edifício de Mafra – Proposta para a inscrição na Lista de Património Mundial da UNESCO*, p.78. (*online*, cons. Nov.2024)

23 cf. António Filipe Pimentel, "Do Convento de Mafra ao Real Edifício", in *Monumentos*, n.35, DGPC, Lisboa, 2017, p.50.

Era na capacidade em gerar conhecimento que residia a emancipação do País, devendo o Rei ser o garante da perene Restauração, ou Livraria.

Deste modo, o mausoléu do monarca (a Poente) aliava-se à Biblioteca/centro de estudos e aos adjacentes Palacetes dos Infantes e das Infantas, tornando o grande Edifício na consagração do soberano-filósofo como uma eterna fonte do Saber, que continuamente se regenera pelas futuras gerações, como o Sol, ou a água nos aquedutos reais.

Respeitando isso, os sucessores do Magnânimo mandariam pintar na Sala do Trono alegorias das virtudes que os governantes deveriam possuir através da boa educação secular e espiritual: Perfeição, Tranquilidade, Bondade, Conhecimento, Generosidade, Paz, Perseverança e Diligência.

Domingos Sequeira, Sala do Trono em Mafra, *Perfeição* (det.) (foto: PMO)

Ao contrário por exemplo de Versalhes, o complexo de Mafra foi pensado como um retiro temporário de austeridade e recentragem nos valores essenciais que devem guiar a governação, sob o aconselhamento espiritual dos especialmente diligentes Franciscanos Arrábidos.

Poderia aplicar-se aqui o relato de Thomas More sobre a educação na ilha que apelidou de Utopia, e na qual "a infância e a juventude são orientadas pelos sacerdotes, que se preocupam tanto ou mais em ensinar-lhes a virtude e os bons costumes como a ciência". Ou a assertividade do seu amigo Erasmo: "A educação do príncipe não é ensiná-lo a dançar, a jogar e a andar em jantares", uma vez que aos soberanos, e a eles em particular, cabia a pesada responsabilidade de procurar soluções imaginativas e funcionais para os complexos problemas da Humanidade[24].

24 Cf. Thomas More, *op.cit*., p.131; Roland H. Baiton, *Erasmo da Cristandade*, FCG, Lisboa, 1988, pp.142-144.

Conclusão

A Biblioteca de Mafra é, em si mesma, uma expressão do conhecimento que exige tempo e estudo, assemelhando-se a um livro que apenas revela a sua informação quando folheado atentamente.

De certo modo lembra também a própria religião Cristã, que assenta no princípio da Revelação de um Saber velado. Os dípticos e trípticos pintados que se abriam em determinadas ocasiões eram alegorias dinâmicas desse processo mental e espiritual, o mesmo se verificando na Biblioteca ou Livraria de Mafra, cujo singelo mas intrigante acesso foi pensado para fazer despertar a expectativa, e por fim, no interior, deslumbrar com o melhor que o engenho humano pode fazer para homenagear o Verbo.

Entrada da Biblioteca/Livraria de Mafra (foto: PMO)